

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
8º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
5º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a aula 3 – 23.03.2017

Prezados colegas e alunos,

Boa tarde a todos.

Durante as duas primeiras aulas, espero ter apresentado a vocês a perspectiva simbólica de um humanismo, por intermédio do qual estudaremos o desenvolvimento da Consciência e da Sombra do Ser no Self Individual e Cultural. Hoje, veremos um filme sobre a evolução e o começo da humanização que ilustra o milagre da formação da vida na Terra (*Home*, filme dirigido por Yann Arthus-Bertrand). Na próxima aula, que será a 4ª do curso de 33 aulas, conversaremos sobre como vocês estão elaborando o que lhe apresentei até agora.

Depois da nossa 2ª aula, estou enviando a vocês algumas considerações sobre o desenvolvimento da Consciência, a fixação e a evolução, junto com mitos e religiões que a expressam.

Já mencionei que, dentro do processo de elaboração simbólica, a interação dos símbolos e funções estruturantes, que são todas as entidades e funções psicológicas, forma a identidade do Ego na Consciência e na Sombra.

À medida que o Ego vai se formando, ele começa a gerenciar o funcionamento da Consciência e da conduta e frequentemente se julga e se confunde com o Arquétipo Central, que o forma. Isso se chama **onipotência** na Psicanálise, **inflação** na Psicologia Analítica e **hybris** na cultura grega antiga. Parte deste processo é normal, quando as crianças começam a falar e adotam o “já sei” para competir com os pais. Quando a onipotência se torna fixada e defensiva, porém, o Ego se sente o dono da verdade e, como Ícaro, caminha para a *hybris*, a neurose, a onipotência e o desvario.

Ícaro era filho de Dedalos, o grande arquiteto que construiu o Palácio de Knossos para o Rei Minos, na Ilha de Creta. Ícaro pediu ao pai para construir asas para que ele

pudesse voar em direção ao Sol. Dedalos fez as asas e as colou com cera. Ícaro voou grandiosamente em direção ao Sol, mas, ao dele se aproximar, a cera derreteu, as asas se desprenderam e Ícaro desabou das alturas para a morte. Trata-se, talvez, do maior exemplo de **hybris** na mitologia grega.

Já vimos que a fixação faz parte do processo de desenvolvimento e é a origem das defesas, da Sombra e do Mal.

Assim sendo, quando estudamos as transformações dentro do desenvolvimento, na vida, na escola ou no consultório, devemos sempre prestar atenção nos símbolos que estão fixados e expressos por defesas, formando a Sombra. **A patologia e o Mal podem ser reconhecidos, porque operam dentro da inadequação existencial, da fixação, das defesas da compulsão de repetição e da resistência à verdade**, que formam a Sombra.

As defesas necessitam da elaboração simbólica, que pode ser verbal ou com técnicas expressivas não-verbais, para liberar os símbolos e funções fixados. Esse processo, no Cristianismo, foi realizado dentro do ritual da confissão, da admissão da culpa e da integração do pecado redimido, ou seja, com o resgate dos símbolos fixados para a vida normal. Heidegger descreve a cura do Ser pela saída da alienação (fixação) para a autenticidade (*Eigenartigkeit*).

O Ser está sempre em transformação. Por isso, Dionisos, o Deus do teatro e da metamorfose, é tão importante na Mitologia Grega. Por isso, também, para se compreender a direção e o sentido do Ser, ou seja, o vir-a-ser, devemos saber a história do Ser. Isso começa pela análise minuciosa de cada paciente, de cada aluno ou de cada pessoa, a quem queremos conhecer. Essa anamnese é uma função estruturante muito importante para o conhecimento do Ser, pois emprega a história para mapeá-la. A anamnese de cada pessoa cabe dentro da anamnese familiar, cultural e nacional e, até mesmo, planetária e cósmica, dentro da função estruturante da evolução.

No entanto, o estudo da função estruturante do Ser em cada dimensão, deve ser feito com muito cuidado para evitar o reducionismo dos símbolos. Descrevo o reducionismo da vida simbólica como **o câncer do saber**, pois ele paralisa e asfixia o processo de aprendizado e desenvolvimento com a onipotência defensiva do “já sei”. Trata-se do famigerado pecado da soberba. A melhor maneira de se evitar o redutivismo é elaborar a formação do Ego cuidadosamente, dentro do quatérnio primário (complexo materno, complexo paterno, vínculo entre eles e as reações da criança).

A Teoria da Evolução

A função estruturante da transformação do Ser pode ser estudada de várias maneiras e em muitas dimensões. Uma delas é representada pelos mitos de criação. Eles existem em todas as culturas dentro da dimensão da religiosidade. **Religio**, do latim, vem do verbo **religare** que significa voltar a se ligar com a origem ou com o todo, como expressou tão bem o filme *Samsara* dirigido por Pan Nalin: “**para uma gota d’água não secar, ela precisa encontrar o mar**”, que veremos na 31ª aula do curso.

Dentro das culturas antigas, pelo fato do conhecimento objetivo da vida ser muito pequeno, **os mitos de criação que explicam a natureza desde os tempos mais remotos, expressam a imaginação de maneira predominantemente fantasiosa e subjetiva**. No entanto, desde tempos imemoriais, a função estruturante da imaginação, que, como todas as demais, é arquetípica, já expressava o encadeamento dos elementos e das espécies na evolução, ainda que de forma limitada e metafórica.

A cultura dos aborígenes australianos, os Gagudju, por exemplo, que durante 40 mil anos viveram no norte da Austrália, explicava a criação do mundo pelos animais, como veremos em detalhe na nossa sexta aula. Assim, os cangurus, com seus saltos míticos, haviam acumulado as rochas para formar as cadeias montanhosas e os crocodilos mostram ainda hoje, nas suas costas, a forma que deram às cordilheiras. Por sua vez, os morcegos que voam aos milhares à noite, durante o dia, se transformam nos curadores que conhecem e tratam as doenças. É o prenúncio da relação consciente (dia) e inconsciente (noite).

Os Gagudjus reconhecem também a formação da Sombra na evolução, quando explicam a formação dos lagartos que tem pele entre seus braços e o corpo, como oriundos dos seres que não praticaram corretamente os rituais. Não é este um exemplo mítico impressionante da fixação psicológica do desenvolvimento e a formação da Sombra?

No próprio mito da Gênese, Deus, no início criou os céus e a terra e, a seguir, separou a luz e as trevas, das quais surgiram o dia e a noite, as terras e os mares. Na terra, brotaram sementes e árvores com frutos, que alimentam cada espécie. O Espírito Criador concebeu também o Sol e a Lua e as estrelas e povoou a terra e os mares com seres que se modificaram. Ele organizou as espécies em animais selvagens e domésticos e, finalmente criou o homem do barro e lhe deu o sopro da vida. A seguir criou a mulher do corpo dele, para acompanhá-lo. Finalmente, criou uma árvore do conhecimento e uma árvore da vida, cujos frutos não se podia comer.

Se pensarmos simbólica e arquetipicamente, que a Gênese é um mito de criação que antecedeu a teoria da evolução de Darwin e Wallace por cinco mil anos, não podemos deixar de ver o seu pertencimento à função estruturante da imaginação no estudo da evolução do Ser. **O redutivismo esotérico da religião institucionalizada e materialista da ciência impede ver a ciência e a religião como manifestações da mesma função estruturante da criatividade, dentro da dimensão simbólica.**

A Inquisição cristã deformou o mito da compaixão e do amor, a ponto de torturar, matar e, até mesmo, praticar o genocídio (veja história dos Albigenses e dos Cátaros) em nome de Cristo. De suas inúmeras defesas, a meu ver, uma função estruturante se salva. **Ela foi a percepção de que a ciência é uma heresia.** O processo de julgamento e condenação de Giordano Bruno, queimado no centro de Roma em 1600, bem o ilustra.

Heresia vem do grego *haeresis*, palavra grega que significa “escola de pensamento”. Não tenho dúvida que a ciência é uma escola de pensamento que pratica o *religare* para reunir a parte (o símbolo) com o todo (o Arquétipo Central) dentro da coerência da verdade (Deus). A discrepância entre a parte e o todo, dentro da ciência, revela a **Sombra**, o erro (o pecado), o crime, a exploração econômica, a guerra, o Mal, e invalida sua relação com a verdade (autenticidade).

Da mesma forma que as religiões e os mitos apresentam revelações míticas milagrosas, para o conhecimento da vida e do mundo, assim também a ciência. À guisa de ilustração, vejamos apenas dois.

Dentre inúmeros outros, dois grandes milagres foram revelados pela ciência dentro do seu mito de criação, que é a teoria da evolução. O primeiro foi o Big-Bang e o segundo, a criação da vida na Terra seguida pela evolução.

A matéria do Universo, pelo que se conhece até hoje, é principalmente representada pelas estrelas que formam as galáxias. Existem mais de 100 bilhões de estrelas em cada galáxia. Nossa galáxia, da qual vemos uma parte ínfima no céu, é a *Via Láctea* que tem aproximadamente 400 bilhões de estrelas. A explicação mítica de sua origem na Mitologia Grega é que suas estrelas são gotas de leite da Deusa Hera, que espirraram enquanto ela amamentava Heracles, o maior de todos os heróis.

Existem mais de 100 bilhões de galáxias, como descobriu o astrônomo Hubble.

Há 13,7 bilhões de anos explodiu o Big Bang. Um movimento centrífugo reunira toda a matéria deste Universo em uma bola do tamanho de uma laranja. A compressão foi finalmente ultrapassada pela força de repulsão. A explosão resultante formou gases que, muito lentamente, se aglomeraram em estrelas e galáxias. Elas continuam se afastando, até hoje, em grande velocidade. Há os que creem que um dia esse

afastamento reverterá e o Universo voltará a se contrair, mas outros acreditam que isso jamais acontecerá (Sagan, *Cosmos*).

O segundo grande milagre dentro da ciência, foi o início da vida, há quatro bilhões de anos, seguido pela evolução. Um dos grandes mistérios do mito científico da criação é a possibilidade de existirem outros lugares com vida no Universo.

A grande diferença entre o mito da ciência e os outros mitos da criação conhecidos é que as hipóteses (fantasias ou imaginações) da ciência, são testadas e reformuladas permanentemente para **se manter a vivência da verdade**, que é o *religare*, ou seja, a relação autêntica da parte (símbolo) com o todo (Self), comum a todas as religiões. Nesse sentido, a heresia científica é mais religiosa que muitas religiões e, sobretudo, mais religiosa que a religião canônica, dentro da qual ela nasceu. Ela é mais religiosa porque o Mito Cristão que lhe deu origem está baseado na relação de compaixão entre o Ego e o Outro e a relação de exame minucioso entre o Ego e o Outro é a essência do método científico.

Todas as religiões, inclusive a ciência, são passíveis de fixações, com formação de defesas, de Sombra e, conseqüentemente da ocorrência de erro, de alienação do Ser (Heidegger) e formação do Mal.

De um modo geral, as fixações das revelações religiosas ocorrem por duas grandes razões. A primeira é a automatização dos rituais cujos símbolos perdem a vivência da polaridade subjetivo-objetivo, que os revelou emocionalmente. Nesse caso, a vivência da religiosidade reduzida passa **a literalizar os símbolos, considerando-os exclusivamente objetivos. Dois exemplos exuberantes de literalização dos símbolos no Cristianismo são a virgindade de Maria Mãe e a Ressurreição de Jesus**. A segunda razão é a politização da religião, que perde a sua transcendência para ser usada literal e politicamente como instrumento de poder. Um exemplo muito significativo é a reivindicação da herança mística de Maomé por duas facções, a Sunita e a Xiita, que nunca deixaram de se enfrentar em luta fratricida.

A heresia científica também é passível de sofrer fixações pela repetição do conhecimento errado. Um exemplo muito ilustrativo foi a Astrologia de Ptolomeu que preservou erroneamente a teoria geocêntrica durante mais de um mil e trezentos anos.

A maior fixação da heresia científica, porém, ocorreu no final do século dezoito. Ao expulsar a Inquisição da Universidade, a mentalidade científica expulsou, também, a dimensão subjetiva e, com ela, as funções do sentimento, da intuição, da emoção e da fé. Criou-se assim, uma grande fixação e dissociação do Self Cultural, que subordinou a verdade exclusivamente às dimensões materialista e positivista, que dominam a ciência

em grande parte, até hoje. **Essa gravíssima fixação e dissociação ainda não foi devidamente reconhecida por historiadores da ciência, para poder ser corrigida.** Suas consequências são muitas, como por exemplo, a terrível destruição ecológica, em função do consumo desenfreado da natureza, que hoje ameaça o clima do nosso lar planetário e a nossa sobrevivência.

A humanização e a Individuação

Durante 4 bilhões de anos, a vida na Terra se desenvolveu espetacularmente até chegar ao *Homo Sapiens*, há 150 mil anos, por intermédio da evolução.

Nossos 100 bilhões de neurônios articulam o processo de elaboração simbólica, coordenado por arquétipos. Ele forma o Ego da nossa Consciência e, quando fixado, forma o Ego da nossa Sombra, dentro do processo de humanização (Teilhard de Chardin).

O Ego da nossa Consciência passa por sete grandes etapas para, finalmente, perceber a eternidade e o infinito que caracterizam o grande vazio do Ser que lhe deu origem. Ao se perceber e se entregar ao Espírito Criador, o Ego encontra a paz, a libertação ou o Nirvana do Budismo.

Durante as etapas da vida, a meditação permite ao Ego vivenciar o desapego e vislumbrar a experiência do vazio para o qual se dirige o seu processo de individuação.

Assim, durante a humanização e a individuação, cumpre-se a religação do Ser com a sua identidade profunda, que lhe permite testemunhar a evolução e se liberar das transformações (reencarnação simbólica). Foi isto que o Buda descobriu no Nirvana.

Para a quarta e próxima aula, dia 30/03, peço lerem o Capítulo 1 da Psicologia Simbólica Junguiana.

Boa semana e até quinta-feira,

Byington